

Coluna do Castello

O discurso e suas emoções

Sob a pressão de fatores contraditórios, o deputado Ulysses Guimarães produziu um discurso, no ato da promulgação da nova Constituição, que correspondeu à emoção do plenário mas não atendeu a expectativas políticas. É possível que ele tenha absorvido, como um mataborrão, os sentimentos difusos de constituintes e tenha se antecipado à sua explosão para manter um equilíbrio ainda que instável na festa que lhe cabia conduzir. A expectativa das suas palavras terá contido grupos radicais que se inclinariam por agredir o presidente José Sarney mas na verdade elas feriram a suscetibilidade dos generais que convidara para a solenidade.



O discurso provocou polêmicas. O Sr. Ulysses Guimarães fez o contrário do Sr. Miguel Arraes, que deliberadamente quis "enterrar o passado" ao convidar para a cerimônia em Fernando de Noronha o coronel Costa e Silva que, em 1964, fora ali seu carcereiro. O ex-presidente da Constituinte preferiu reviver o passado e lançá-lo à cara dos chefes militares que assistiam à promulgação de mais uma carta constitucional da República. Esse jorro de emoções produziu o efeito previsível. Os generais se irritaram e o ministro do Exército chegou a pensar em responder ao deputado, mas conteve-se. Possivelmente aguardará oportunidade. Aos que o ouviam limitou-se a lembrar que "houve anistia" e a classificar de "imprópria" a linguagem usada pelo orador.

Já o presidente José Sarney parece ter considerado o discurso uma mera peça de campanha eleitoral, aludindo à condição de candidato à sua sucessão do presidente da Câmara. Na verdade, tratou-se também de uma peça de campanha, mas não há dúvida de que o Sr. Ulysses Guimarães quis deliberadamente trazer à tona a massa de sentimentos que alimentaram a luta contra o regime militar, a batalha pelas diretas-já e expor, naquela hora de alegria, a dor sufocada das vítimas da repressão. Ele levantou o véu da anistia e olhou para trás e para dentro num incômodo reviver de lágrimas sufocadas. Pode ser que assim ele tenha purgado sentimentos e ressentimentos e tenha contribuído para enterrar um passado que não deve mais voltar.

Ficaram, no entanto, as reações ambíguas na expectativa de que tivesse falado apenas o candidato presidencial. Como candidato, o efeito produzido pode ser duvidoso, pois se Ulysses atendeu a emoções residuais e serviu a minorias radicais não falou a linguagem de esperança indispensável a projetar o país definitivamente para fora do drama que viveu no passado. Naquela hora ele pode ter feito, no entanto, o possível, aguardando oportunidade para as mensagens de renovação que competem aos que aspiram a comandar a nação. Seu discurso certamente correspondeu ao que gostariam de ouvir os antigos exilados e os ex-guerrilheiros e presos políticos que se sentavam no plenário da Constituinte ou o ouviam Brasil afora. Mas não terá correspondido às expectativas de grandes eleitores do PMDB e de políticos que poderão compor o cenário para a realização de uma campanha eleitoral destinada à vitória.

Outros aspectos do discurso do Sr. Ulysses Guimarães mereceram reparos em fontes oficiais. Lembrou-se, por exemplo, ter sido inconveniente a alusão à conquista do Acre por Plácido de Castro num cenário em que se faziam presentes representantes das repúblicas vizinhas, entre elas a Bolívia. Também às alusões a rupturas do Tratado de Tordesilhas teriam sido evocações históricas impróprias para a oportunidade. Há até quem aponte na oratória do presidente da Câmara o uso de regências verbais quando nada duvidosas, sobretudo se ocorrentes no discurso de um candidato à Academia Brasileira de Letras.